



## EMMA GOLDMAN E A POÉTICA RADICAL: INTELECTUALIDADE E PROLETARIADO NO ANARQUISMO

Larissa Guedes Tokunaga  
Universidade de São Paulo, Brasil  
[lariguтокunaga@gmail.com](mailto:lariguтокunaga@gmail.com)

Sandra Regina Chaves Nunes  
Universidade de São Paulo, Brasil  
[srcnunes1@gmail.com](mailto:srcnunes1@gmail.com)

Doris Accioly e Silva  
Universidade de São Paulo, Brasil  
[daccioly@usp.br](mailto:daccioly@usp.br)

### RESUMO

Ao esboroar a dicotomia individualismo-coletivismo, a anarquista Emma Goldman vislumbra um tipo de insurgência contra a iniquidade que prescinde das armas e confere azo à palavra. O escopo deste ensaio é analisar como Emma Goldman alinha proletários e intelectuais em uma urdidura orgânica, resgatando elementos da literatura romântica e realista para ser intérprete internacionalista da emancipação de uma individualidade humana. A literatura radical ocuparia, assim, um papel de intérprete entre o gesto de singularização da pessoa artista, lume para sensibilizar a maioria trabalhadora, e a solidariedade proletária que seria fagulha para a revolução.

**Palavras-chave:** Anarquismo. Fazer-artístico. Emancipação trabalhadora.

## EMMA GOLDMAN Y LA POÉTICA RADICAL: LA INTELLECTUALIDAD Y EL PROLETARIADO EN EL ANARQUISMO

### RESUMEN

Al romper la dicotomía individualismo-colectivismo, la anarquista Emma Goldman vislumbra una especie de insurgencia contra la iniquidad que prescinde de las armas y da espacio a la palabra. Se analiza el alcance de este ensayo como Emma Goldman alinea a proletarios e intelectuales en una urdimbre orgánica, rescatando elementos de la literatura romántica y realista para ser una intérprete internacionalista de la emancipación de una individualidad humana. La literatura radical ocuparía así el papel de intérprete entre el gesto de singularización de la persona artista, fuego para sensibilizar a la mayoría trabajadora, y la solidaridad proletaria que sería el detonante de la revolución.

**Palabras clave:** Anarquismo. Hacer artístico. Emancipación laboral.

## EMMA GOLDMAN AND THE RADICAL POETICS: INTELLECTUALITY AND THE PROLETARIAT IN ANARCHISM

### ABSTRACT



By breaking down the individualism-collectivism dichotomy, the anarchist Emma Goldman envisions a kind of insurgency against iniquity that dispenses with weapons and gives space to the word. The scope of this essay is analyzed as Emma Goldman aligns proletarians and intellectuals an organic warp, rescuing elements of romantic and realist literature to be an internationalist interpreter of the emancipation of a human individuality. Radical literature would thus occupy the role of interpreter between the gesture of singularization of the artist person, a fire to sensitize the working majority, and the proletarian solidarity that would be a spark for the revolution.

**Keywords:** Anarchism. Do-artistic. Working emancipation.

## EMMA GOLDMAN ET LA POETIQUE RADICALE: L'INTELLECTUALITE ET LE PROLETARIAT DANS L'ANARCHISME

### RÉSUMÉ

En cassant la dichotomie individualisme-collectivisme, l'anarchiste Emma Goldman envisage une sorte d'insurrection contre l'iniquité qui se passe des armes et laisse la place à la parole. La portée de cet essai est analysée alors qu'Emma Goldman aligne prolétaires et intellectuels une chaîne organique, sauvant des éléments de la littérature romantique et réaliste pour être une interprète internationaliste de l'émancipation d'une individualité humaine. La littérature radicale occuperait ainsi le rôle d'interprète entre le geste de singularisation de la personne artiste, un feu pour sensibiliser la majorité ouvrière, et la solidarité prolétarienne qui serait une étincelle pour la révolution.

**Mots-clés:** Anarchisme. Do-artistique. Travail d'émancipation.

*“A pessoa anarquista é perigosa para a sociedade não porque ela prega violência e dinamite, mas porque ela torna você consciente de si.”*

Emma Goldman

### INTRODUÇÃO

Quem foi Emma Goldman? Impossível definir sua vida, até porque nem ela mesma o fez. Como gostava de dizer, apenas a viveu em perene gerúndio, sem tempo de olhar para ela. A vida dessa operária da sensibilidade falava por si, era indelegável. Fácil seria tentar encaixar seu pensamento em uma identidade individualista ou coletivista, mas seu ideário era uma terceira margem do rio. Ela dançou à deriva, sem timoneiro, contra o rebaixamento do corpo e da alma à vida civilizatória, autoritária e anódina.

Já que a vida febril é irredutível a quaisquer teorias, alguns pontos da trajetória de Emma Goldman podem ser apontados somente como fagulhas que acenderam sua resistência. A anarquista nasceu na Lituânia, em 1869, tendo imigrado para os Estados Unidos aos 15 anos.



No país das falaciosas oportunidades construiu uma trajetória enquanto operária, oradora, publicadora e militante. Ela foi detratada pela imprensa como *a mais perigosa da América*. Tendo sido perseguida diversas vezes, encarcerada recorrentemente e exilada na Rússia em 1919, Emma Goldman divulgou o uso de métodos contraceptivos e propugnou o controle da natalidade, foi contra o patriotismo e o alistamento militar obrigatório, a favor da liberdade de expressão e de uma emancipação do corpo-alma da mulher. Ela acompanhou o exercício do Parlamentarismo, da Democracia, do Comunismo e do Fascismo e denunciou como todos esses regimes redundaram em tiranias. Ativa defensora de uma educação experimental e de uma sexologia ainda em emergência, Goldman apostou nas individualidades como a base de toda a liberdade coletiva.

A trajetória da anarquista Emma Goldman foi constantemente atravessada pelo fazer-artístico. Afinando o gesto estético ao ético, suas conferências sobre literatura traziam exemplos de narrativas que aportavam mensagens sociais para dessacralizar instituições como o matrimônio, o dever social em detrimento do desejo, a ultrajante exploração de pessoas trabalhadoras, a educação castradora etc.

A literatura seria ferramenta sensibilizadora de uma sociedade em processo de anestesiamento. Diante das falaciosas utopias da modernidade, com suas narrativas de célere automatização, a utopia anarquista (realizável no presente imediato) propugna o despertar de uma letargia para a solidariedade que combate a atomização. À massificação do pensamento, Goldman contrapunha o papel de arauto de uma minoria intelectual que poderia contagiar a maioria das pessoas já absorvida pelo contexto de proletarização. O gesto de singularização minaria a narrativa hegemônica da redenção pela via do trabalho.

## MÃOS E CORAÇÃO RUMO À REVOLUÇÃO

No ensaio “Proletários Intelectuais” (1914), Emma Goldman tece um diagnóstico contundente acerca do papel das pessoas artistas em um mundo em que as manifestações subjetivas se tornam passíveis de cooptação pela lógica capitalista. Analogamente ao trabalho braçal, o esforço mental estaria se tornando cada vez mais adaptado às demandas mercadológicas. Goldman então argumenta:

A proletarização do nosso tempo vai muito além do campo do trabalho manual; de fato, no sentido mais amplo, todos aqueles que trabalham para a vida, seja com mão ou cérebro, todos que precisam vender suas habilidades, conhecimentos, experiências e habilidades são proletários. Deste ponto de



vista, todo o nosso sistema, com exceção duma classe muito limitada, foi proletarizado. (GOLDMAN, 1914b, p. 1).

Nesse sentido, a literatura não poderia se eximir de seu papel como porta-voz de trabalhadores/as, minando o verniz de uma arte que tende a adorar o “santuário do dinheiro” (GOLDMAN, 1914b, p. 2) e denunciando a absorção das singularidades por artifícios institucionais. Para compreender como Emma Goldman desenha uma genealogia de poderes que se infiltram até mesmo na profissionalização das pessoas, se torna necessário adentrar um pouco mais o contexto estadunidense liberal ao qual ela faz menção.

Os Estados Unidos de 1914 assistem à profissionalização de intelectuais em uma imprensa que inocula seus escritos diante da censura. O anarquismo se espraiava, mas não era suficiente para deter a maré de massificação do pensamento, pois o verniz da classe média, a hipocrisia e o puritanismo também se disseminavam por escritos afora. A arte se atrelava às curadorias mercadológicas, ao valor atribuído de acordo com a pasteurização do gosto e do público consumidor. Nessa época Emma Goldman já havia lançado a revista radical *Mãe Terra*, tornando-se publicadora e intensa militante no plano editorial.

A pena goldmaniana criticava a transformação do/da radical em idealista profissional. Sob essa ótica, as pessoas anarquistas seriam como forasteiras no próprio país, não subscrevendo a competitividade da esfera política ou da lógica arrivista. Ou seja, sua escrita era dissidente e frequentemente entrevista enquanto expressão de párias. Segundo a lente de Goldman, as pessoas radicais não deveriam ser reconhecidas com consagração, pois despertariam um público minoritário que teria coragem de recusar o fetiche da mercantilização cultural. O comprometimento com o apelo às massas e com um reformismo raso, porém, conferia fama e prestígio à intelectualidade, que se acomodaria em um lugar institucional confortável. A recepção da arte seria condicionada a dispositivos de aprovação social, o que minaria a dissidência de um fazer-artístico comprometido com inflexões sociais.

É necessário ter em mente que o trilhar da anarquista era ladeado por Nietzsche, que lhe aportava a ideia de uma aristocracia intelectual, isto é, de um estrato minoritário que ousasse transpor a fronteira das tradições arrebanhadas, e Kropotkin, que alardeava a necessidade de que as/os jovens fossem corajosos, verdadeiros mártires do anarquismo e não sucumbissem à delegação de seus talentos a uma indústria dilapidadora. A arte sem mensagem revolucionária só pode degenerar segundo o prisma deste último anarquista. Emma Goldman também bebe na fonte de Oscar Wilde. Este escritor, no ensaio *A alma do Homem sob o socialismo* (1891),



afirma que a arte não deve tentar apaziguar as expectativas da maioria, uma vez que isso significaria subsumir o fazer-artístico a referenciais autoritários.

Como esta mulher anarquista transitava entre intelectuais e militantes, a janela para observar seus debates é fecunda: arte pode ser propaganda militante? Para Goldman, desde que não fosse dogmática, como a intervenção bolchevique da *Proletkult*, a arte deveria ser prehe de uma mensagem social. Uma mensagem social que, em um primeiro patamar, despertaria as individualidades da letargia. Mas, antes de incitar a uma política em seus jogos típicos, ela mobilizaria o autorresgate de si enquanto singularidade. Na cosmovisão goldmaniana, as pessoas que se consideram as mais missionárias são justamente as que foram mais tragadas pelas forças institucionais.

A célere automatização do mundo que Emma Goldman acompanha, pois foi uma mulher entre dois séculos, a impulsiona a considerar o trabalho intelectual sinonímia de um trabalho braçal. O recorte de classe vai surgir, portanto, sob o imperativo de uma proletarização dos artistas: somente na medida em que estes diagnosticassem a exclusão entranhada em seus ofícios é que suas expressões seriam radicais; expressões radicais e *extemporâneas*, pois não seriam valorizadas no presente como cânones. Artistas seriam arautos e mártires de um contexto outro ainda a ser instaurado no porvir. O sucesso das artes e ideias canônicas, por outro lado, deveria ser vislumbrado com reservas, justamente como resultado da subserviência ao altar dos gostos capitalistas.

Compreender como a concepção de revolução pode ser alimentada pelo gesto literário formou um dos escopos goldmanianos ao longo de sua trajetória. No cenário pós-Revolução Russa, no entanto, a anarquista não se isentou de tecer uma contundente crítica ao fazer-artístico cooptado pela máquina propagandística e burocrática do partido bolchevique. A chamada “cultura proletária” do pós-Revolução Russa, a supracitada *Proletkult*, preconizava uma disciplinarização e sistematização da criação artística, segundo o diagnóstico de Emma Goldman (GOLDMAN, 1920, p. 13). O amortecimento dos sentidos e do impulso criativo seria um corolário da artificialização do gesto subjetivo, que deixa de partir de uma singularidade e passa a ser orientado verticalmente. Assim como reflete Oscar Wilde, a anarquista só consegue conceber a arte como livre expressão da personalidade<sup>1</sup>. Diversos/as artistas não obtiveram reconhecimento de suas obras e, no entanto, legaram um gesto ético-estético transgressor e comprometido com a emancipação. Logo, a opinião pública não deveria ditar as normas

---

<sup>1</sup> No bojo do ensaio *A alma do homem sob o socialismo*, Oscar Wilde critica a arte devotada a interesses externos, seja aos apelos do mercado, seja a demandas filantrópicas. A individualidade deveria imprimir toda sua verve em suas obras.



estilísticas e a mensagem subjacente ao fazer-artístico. A arte que rechaçasse esse gosto massificado estaria em afinamento com a própria vida. E arte e vida seriam “chamas gêmeas da revolta” (GOLDMAN, 2015, p. 288).

Em *A Hipocrisia do Puritanismo* (1911), Emma Goldman associa a liberdade criativa das individualidades ao potencial de comover a humanidade e, assim, engendrar coletivamente arranjos sociais que prescindem das instituições. Observe-se, pois, tal excerto:

Todo estímulo que desperta a imaginação e eleva o espírito é tão necessário à vida quanto o ar. Fortalece o corpo e aprimora nossa visão da comunidade humana. Sem estímulos, seja qual for a forma, o trabalho criativo é impossível, como é também impossível o espírito de bondade e generosidade. O fato de alguns gênios notáveis terem buscado inspiração no cálice com frequência excessiva não justifica que o puritanismo tente agrilhoar todo o leque das emoções humanas. Um Byron, um Poe comoveram a humanidade muito mais profundamente do que todos os puritanos juntos sequer podem sonhar. (GOLDMAN, 1911, p. 75).

(Co-) mover a humanidade por um ideal comum era o escopo de Emma Goldman ao escrutinar obras literárias em ensaios e conferências. Todavia, seu diagnóstico era bem mais estrutural: as formas de instilar o dogmatismo e o puritanismo se tornavam cada vez mais insidiosas no âmbito seja do comunismo, seja da democracia.

É crucial considerar a clivagem entre uma arte alinhada à sensibilidade das inflexões sociais e um fazer-artístico de pura fruição. Emma Goldman não estabelece molduras entre arte e trabalho, mas situa o lugar dessa *poiesis* em uma artesanía antiautoritária dos afetos, restituindo a ética anarquista dos ofícios. No bojo do ensaio *Proletários Intelectuais*, Emma Goldman situa os sintomas da degradação que atinge as singularidades, soterradas sob a avalanche dos ditames mercadológicos. Segundo ela assinala:

Todo o nosso tecido social é mantido pelos esforços do trabalho mental e físico. Em troca disso, os proletários intelectuais, assim como os trabalhadores nas lojas e nas minas, ganham uma existência insegura e lamentável, e são mais dependentes dos senhores do que aqueles que trabalham com as mãos. (GOLDMAN, 1914b, p. 2).

De acordo com a leitura goldmaniana, os intelectuais trabalhariam com a mente para sobreviver, enquanto os proletários dependeriam das mãos para assegurar sua existência. Justamente por isso os primeiros seriam mais facilmente cooptados: a servidão voluntária começaria nos afetos e pensamentos, não se reduzindo somente a uma questão de iniquidade material. Para se adaptar à lógica da concorrência liberal, a intelectualidade deveria adotar uma padronização dos próprios hábitos de vida. Segundo a anarquista aponta, a adaptação à opinião



pública se manifestaria na subscrição alienada de uma imprensa subvencionada por *Pulitzers* e outros lastros institucionais.

Destarte, as pessoas do ramo intelectual venderiam sua força criativa e por isso seriam mais proletárias do que os próprios trabalhadores braçais. Para Goldman, esse fato teria como corolário a dominação que se enraíza primeiramente na alma, na corrupção da ética da solidariedade. Ao se aliarem aos estratos dominantes, artistas estariam perdendo a capacidade de interpretar os sofrimentos das massas, incorrendo em uma simpatia meramente teórica e inócua às sublevações do proletariado. Ou seja, a renúncia da personalidade implicaria em um anestesiamiento eficaz, haja vista que sucumbir à expressão mecânica de ideias é não mais atender aos reais motivos das opressões sofridas pela massa. Bastaria, nessa lógica mecanicista, a repetição de velhos chavões para a intelectualidade “apoiar” seus companheiros nas fileiras do trabalho massacrante.

Ao fim e ao cabo, Goldman satiriza o pedestal em que se arrogam as pessoas intelectuais. Conforme ela questiona: “o que acontece com a alta missão dos intelectuais, dos poetas, dos escritores, dos compositores? O que eles estão fazendo para se livrar de suas correntes e como se atrevem a se gabar de estar ajudando as massas?” (GOLDMAN, 1914b, p.3)

O fulcro do problema se encontra no fato de que a tirania capitalista degradou todas as individualidades que trabalham para viver, seja na poética que ocorre com as mãos seja com o cérebro. Todas as subjetividades, independentemente de seus ofícios específicos, sofreriam o assujeitamento perpetrado pelos censores morais e econômicos.

É justamente por isso que a anarquista emprega o termo “prostituição mental” (GOLDMAN, 1914b, p. 3), revelando a inocuidade de uma simples simpatia teórica pelas causas de trabalhadores. Em um recorte feminista distanciado da vertente liberal, ela aponta que a emancipação feminina não se deu através do acesso das mulheres ao mercado de trabalho. Pelo contrário: alienar os afetos em uma indústria produtivista já seria uma forma de servidão, mesmo que o esforço de aceder a uma pretensa igualdade laboral e de direitos em relação aos homens parecesse redentora. Para alcançar esse “sucesso” haveria um padecimento ao autossacrifício.

A adaptação às aparências seria como um grilhão, e é por isso que muitas pessoas intelectuais teriam suas asas criativas acorrentadas a um estilo vendável ou panfletário. Ou seja, o esteticismo seria lido por Goldman como uma nova religião. As convenções sociais penetrariam as academias e imprensas, neutralizando a livre criação. Se a vida é expressão, ela não estaria presente nesse mimetismo de regras. A crítica à disjunção entre arte e vida é um



referendar da necessária articulação entre fabulação e confabulação. O gesto individual só é humano se convoca as individualidades a repararem na vida, a conspirarem juntas na fabulação de mundos outros nas brechas das cartilhas.

Como a anarquista assinala recorrentemente, as opressões se infiltram onde não há mobilização da imaginação imanente, uma vez que há o alheamento das subjetividades em relação à natureza. Para Emma Goldman, o Puritanismo estadunidense seria um ideário tecnocrata contrário a quaisquer expressões criativas e orgânicas. Não vestir as indumentárias políticas de outras pessoas é a alternativa sugerida pela militante para profanar os modelos de subjetividade que visam ao adestramento das singularidades. Essa recusa ao regime de autovigilância seria cotidiana, nos espaços em que as corporalidades transitam. O gesto da coragem é sublinhado por Goldman como a recusa ao conforto material e mental em prol da livre expressão dos instintos.

Só é possível fabular porque a subjetividade recupera o fio da urdidura dentro de si mesma e recusa o fio do títere, o fio de um destino ordenado pelo transcendente. Sob o prisma goldmaniano, menos violência espetacularizada seria necessária se intelectuais se aliassem ao anarquismo e às lutas dos trabalhadores. Logo, a arte também seria propaganda revolucionária se aderisse aos afetos das pessoas que sofrem a espoliação mental e material do capitalismo. A ponte que Emma Goldman teceu entre literatos e anarquismo era contundente: muitos intelectuais conheceram o anarquismo pelas publicações da *Mãe Terra* e muitas pessoas anarquistas começaram a ver a literatura como meio de difundir filosofia e práticas radicais. Agendas que não eram especificamente anarquistas, como literatura, drama social moderno, controle de natalidade e livre expressão sexual, dentre outras pautas, atraíram pessoas de vários espaços, engendrando-se interações ideológicas nada triviais.

Contudo, a anarquista supracitada foi frequentemente criticada por adotar essa militância que partia do lado pessoal da liberdade de expressão. Embora houvesse certa reticência dentro das próprias fileiras anarquistas a uma militância que não fosse estritamente dirigida às greves de trabalhadores, boicotes e com mensagens anarcossindicalistas, os discursos goldmanianos adentraram a literatura a partir desse gesto de reconhecimento de uma emancipação integral<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A respeito da resistência de companheiros militantes como Alexander Berkman a respeito da propaganda pelo exemplo, Emma Goldman afirmaria: “essa dificuldade vencida, outra surgiu: condenação de minhas próprias feiras. *Mother Earth* não era revolucionária o suficiente, alegavam, a razão sem dúvida porque ela tratava o anarquismo menos como dogma do que como um ideal libertador”. Cf. (GOLDMAN, 2015, p. 288).





Se Emma Goldman não acreditasse que o esforço criativo mobilizasse tanto as pessoas quanto a ação-direta tida como política, não teria ajudado a criar redes culturais de sociabilidade entre intelectuais, a classe média e imigrantes. Não por acaso, o teatro livre desenvolvido no Ferrer Center (1911) – espaço multicultural fundado por Goldman e outros anarquistas – tinha em sua programação uma síntese vívida desse ideário, incluindo desde encenações dramáticas a palestras sobre controle de natalidade, por exemplo. É nessa conjunção entre arte autônoma, livre expressão dos desejos para além do imperativo social da procriação e psicologia social envolvida nesse fazer-artístico que a anarquista entrevia uma ação-direta de cunho afetivo. A sedução para a sedição começava em uma educação para adultos e crianças baseada em uma experimentação em filosofia, história e língua inglesa para as pessoas imigrantes do East Village. O estímulo ao debate em sendas como sindicalismo industrial, liberdade sexual, psicanálise e fazer-artístico corroborava a premissa da autoconsciência para a livre associação.

O escopo de luta de Emma Goldman sempre foi o de incentivar expressões artísticas estadunidenses que confrontassem a censura moral e policial que assolava o país. Segundo a anarquista diagnóstica:

Neste país não temos uma grande arte. A razão é óbvia: nossos artistas trabalham por encomenda. Poderiam Emerson, Whitman, Meunier, o escultor belga, Millet, Wagner, que sofreram a difamação como todos os homens que exigem liberdade – eles poderiam ter trabalhado sob demanda? Eles foram incríveis porque desafiaram a convenção e o padrão econômico, bem como enfrentaram os carrancudos Sra. Grundy e Anthony Comstock. As pessoas perguntam: “qual a utilidade disso? Por que devemos sofrer e negar a nós mesmos todos os confortos e respeitabilidade quando nunca veremos nenhum dos resultados de nossas ações?” Essa não é a questão. (HSU, 2021, p.212).

Como Emma Goldman pontua, não é a utilidade do gesto que está em questão, como se os meios não importassem diante da finalidade de sobreviver. Confrontar os hábitos pudicos, chamados na época através da expressão “sra. Grundy”, já seria uma afronta que prenuncia a liberdade. Com isso, torna-se patente que o manifesto goldmaniano é por subjetividades que assumam uma coragem em todos os gestos de expressão. Não se trata somente de alcançar a famigerada consciência de classe, epítome das leituras oriundas da obra de Karl Marx. A consciência da proletarização seria a de que o trabalho de cada singularidade é um fio que compõe o tecido coletivo. A integração à mãe Terra, à natureza, e o conseqüente desapego a valores transcendentais implica na recusa das lógicas de recompensa e sucesso econômico que movem a roda capitalista. Tais valores seriam arbitrários e, acima de tudo, artificiais. O perene agonismo dos indivíduos é em relação aos artifícios historicamente forjados e que acabaram se



absolutizando em forma de burocracia, censura e cerceamentos morais à liberdade de expressão. Nesse sentido, as tradições acomodadas da classe média intelectual deveriam sofrer o abalo provocado pela avalanche de insatisfações promovida pelos estratos de trabalhadores braçais.

## ENTRE A FABULAÇÃO ROMÂNTICA E O DIAGNÓSTICO REALISTA

Tornar sensível o processo de proletarização do mundo para que fosse acessível a consciência de que a emancipação não é uma missão de esclarecimento, uma dádiva oferecida pela intelectualidade nem, tampouco, um processo verticalizado de panfletagem, mas sobretudo um movimento de construção ética da própria vida: tal seria o papel social do Romantismo e do Realismo na leitura goldmaniana do fazer-literário. As personagens dilaceradas com o verniz civilizatório da modernidade são evocadas através das tramas que Emma Goldman retoma em suas conferências anarquistas sobre o Drama Social Moderno.

Max Baginski, um dos companheiros editores do periódico goldmaniano, aduziria que o Drama Moderno envolve as condições reais – sociais, materiais e psicológicas – dos indivíduos na sociedade, elementos que traziam “a conciliação há muito tempo desprezada entre a mente e o corpo” (BAGINSKI, 1906, p.36). O gesto romântico é vitalista, associado a uma natureza imanente que lembra como as pessoas confiaram seu destino a instituições. A celebração da vida e da energia erótica estaria em diapásão com as revoltas subjetivas que surgem em rebelião contra as hipocrisias morais que assolavam as individualidades desde o ventre materno.

Uma pintura apreciada e propalada por Emma Goldman, “Homem com uma Enxada”, de Millet, traduz em imagem o conceito de anarquismo como filosofia de vida. Segundo seu olhar, o artista escancara o trabalho enfadonho e sem esperança, a exclusão do camponês da generosidade da natureza. A lente do anarquismo é alinhada à vida insubordinada, à insatisfação subjetiva que gera fagulhas para incendiar as instituições. O olhar da revolta deveria emergir nas próprias relações e condições de trabalho, que não podem mais atender a desígnios produtivistas e alienantes.

A essa lente naturalista, Emma Goldman acrescentava a impetuosidade romântica, isto é, o assalto de uma minoria ao pensamento uniformizador. Inclusive, como aponta o historiador Sergio Norte, o espírito romântico fecundou a arte anarquista justamente por conta do esforço de apreender aquilo que é fugaz no contexto de automatização da realidade e consubstanciar em um manifesto formativo, pedagógico e contrário à alienação o gesto disruptivo que questiona a modernidade. Arauto de verdades que deveriam se espriar a todos os estratos, o



poeta romântico é um desenraizado que aposta nas emoções e nas histórias plurais (NORTE, 1998).

O Realismo e a fabulação romântica formavam um feixe indissolúvel no pensamento goldmaniano. Ao mesmo tempo em que mobilizava textos que expressam as mazelas sociais em uma verve realista, a individualidade romântica trazia tramas que fabulam relações sociais alternativas, antiautoritárias. Não se tratava, portanto, de um fazer-artístico mimético ou comprometido com padrões alinhados ao conceito de “belo”, mas um processo criativo que despertaria interferências no contexto. Talvez por isso Emma Goldman tenha sido reticente em relação a escritores experimentais da abstração. Segundo observa Kathy Ferguson, “com os românticos, Goldman defendeu o poder transformador da arte e do amor. Com os realistas, ela se esforçou para ser fiel às experiências dos oprimidos” (FERGUSON, 2011, p. 754).

Como o Romantismo, o Realismo exalta as vidas prosaicas e traz à tona uma linguagem que abarca uma gama de emoções humanas que não podem ser traduzidas pelo ressoar de meras frases estereotipadas. É nessa senda que Emma Goldman condena a literatura que exalta arquétipos como o da maternidade enquanto missão essencial da mulher. A partir da interpretação da mensagem social subjacente à peça *O Pai* (1887), de Strindberg, a anarquista crítica a conformação da típica família burguesa que tolhe o florescimento das individualidades humanas. Nessa peça de estilo realista, o protagonista Capitão diverge da esposa Laura quanto aos métodos educativos que deveriam ser exercitados na criação da filha Laura. O exercício pedagógico que Emma Goldman assume, ao analisar a trama, envereda no sentido de escancarar a dissolução da autonomia subjetiva diante de um papel social doutrinador. Conforme ela diagnostica:

Ao retratar a maternidade como ela realmente é, August Strindberg está transmitindo uma mensagem vital e revolucionária, a saber, que a verdadeira maternidade, mesmo como paternidade, não consiste em moldar a criança à sua imagem, ou em impor-lhe as próprias ideias e noções, mas em permitir que a criança tenha liberdade e oportunidade de crescer harmoniosamente de acordo com suas próprias potencialidades, sem entraves e sem mazelas. (GOLDMAN, 1914a, p. 23).

A crítica ao cerceamento dos desejos desde a infância encontra sintonia em expressões do Romantismo de uma individualidade que não deveria aceder a uma formação em que emoções humanas são sufocadas. Para Emma Goldman, a criação que mantém as crianças em uma estufa que reprime o florescimento de suas potencialidades estaria a serviço de poderes hegemônicos, endossando a narrativa de que o indivíduo está fadado a delegar seus potenciais



ao controle das medições institucionais. Formar-se-ia, pois, um autômato submerso nas tradições.

O exercício de autorresgate de sua imanência e singularidade é propiciado à individualidade humana desde que ela encontre na literatura um instrumento diagnosticador que interpreta os dilemas entranhados na subjetividade e no tecido social mais amplo. Nesse sentido, Emma Goldman aduz:

O espírito de inquietação que está minando a torre de marfim do conhecimento é igualmente forte em atividades literárias, dramáticas e artísticas. Não queremos mais um romance que represente a heroína em um vestido fofo e o herói de joelhos diante de sua amada; nem nos importamos com o drama como mera diversão ociosa. Olhamos para ambos como o espelho da luta por uma maior expansão humana. Em outras palavras, a literatura e o drama de hoje são os expoentes mais ardentes das forças acumuladas em homens e mulheres que tentam encontrar a si mesmos e seu verdadeiro contato com seus semelhantes. (*apud* FERGUSON, 2011, p. 196).

A fabulação de laços antiautoritários entre as subjetividades começaria nessa autoanálise romântica do desencaixe dos instintos individuais nas molduras institucionais. O bisturi cirúrgico do dramaturgo encontraria nessas aspirações microscópicas o fermento para agitar o restante da sociedade de forma mais potente que o orador político. Emma Goldman propugna, assim, que as pessoas artistas não se apartem da vida mundana, adotando um posicionamento “neutro” ou de cultivo academicista da arte pela arte. No ensaio sobre o drama social moderno, a autora sublinharia, citando um clássico dramaturgo sueco do naturalismo:

a arte moderna é, nas palavras de August Strindberg, ‘um pregador leigo que populariza as questões urgentes de seu tempo’; não necessariamente porque seu objetivo é proselitismo, mas porque ele pode se expressar melhor por ser fiel à vida. (GOLDMAN, 1914a, p. 5).

A forma como a crítica social é veiculada não é um elemento desprezível, mas um fator crucial para a propaganda anarquista, uma vez que o foco é deslocado do épico para as vicissitudes sociais que trespassam as individualidades. As interpretações goldmanianas dos textos literários/dramáticos não se esgotam nos conflitos pessoais puros como um clímax dramático. O novo drama, para a estratégia de disseminação do pensamento radical, significaria a reprodução da natureza em todas as suas fases, enfatizando a esfera social e as reverberações psicológicas dos macropoderes no cotidiano microscópico das subjetividades. Ao focar local e universal de forma inextricável, as tramas românticas e realistas convocariam o público a rever suas emoções e relações intersubjetivas.



## COMUNICANDO AS SUBLEVAÇÕES DE OUTRAS REGIÕES

A letargia que assola os proletários intelectuais estadunidenses é dissecada por Emma Goldman a partir de uma lente internacionalista. Não se devotando à adoração patriótica, a anarquista lançaria mordazes críticas à ausência de uma literatura dramática de cunho radical em solo norte-americano. Divergindo de uma concepção de teatro como lugar de diversão e entretenimento, ela buscaria em dramaturgos do velho mundo europeu textos de caráter social que pudessem provocar e agitar o público nativo e imigrante que frequentava suas conferências nos Estados Unidos.

Não por acaso, o suporte oferecido por Goldman às expressões teatrais estrangeiras que aportavam suas encenações em solo estadunidense foi emblematicamente sintetizado em seu intercâmbio com Pavel Orleeff. Este dramaturgo russo e seu grupo teatral chegou a ser despejado de Nova Iorque, contando com o apoio mútuo da anarquista. Tradutora da trupe, ela intermediou a organização e divulgação das montagens russas, sublinhando a relevância da agitação cênica em um contexto de candente repressão a quaisquer manifestações libertárias. É necessário atentar para o recrudescimento da censura nos Estados Unidos a partir do assassinato do presidente Wiliam McKinley em 1901: as leis antianarquistas obstavam cada vez mais as conexões internacionalistas que alimentavam as práticas anarquistas. Ademais, o inspetor Anthony Comstock promovia uma extensa campanha de perseguição aos materiais que considerava ameaçadores à moralidade vitoriana. Temas como controle da natalidade, por exemplo, passariam a ser observados como obscenos.

Em seu papel sensibilizador, o texto romântico, o retrato realista e o drama social ocupariam a função de intérprete entre afetos individuais e coletivos. Mas não só isso: exprimiam um sentimento transnacional de libertação. Justamente por isso, Emma Goldman não se furtava a afirmar a necessidade de conhecer, interpretar e espriar expressões artísticas de outros países. Tal itinerância se coaduna acentuadamente com a própria agenda anarquista, na medida em que a pauta da educação não se restringe à faixa etária da infância. A cultura libertária sempre faceou o esforço pedagógico como uma ação direta que encampa a produção cultural enquanto forma de autogestão e propaganda do ideário a pessoas trabalhadoras. Na cosmovisão goldmaniana, os proletários intelectuais poderiam descortinar nesse solo árido dos Estados Unidos o anarquismo pela via da literatura, uma vez que a própria polícia não desconfiaria dos encontros promovidos para o debate de temas artísticos. A estratégia da



propaganda anarquista goldmaniana consistia em uma costura dialógica não somente com diversos estratos sociais como também com redes transnacionais de insurgências.

Como ela assinala:

A Europa pode pelo menos gabar-se de uma certa vitalidade em seus movimentos literários e artísticos, que em suas múltiplas manifestações tentaram aprofundar os problemas sociais e do nosso tempo, exercendo uma severa crítica sobre todas as nossas falhas indubitáveis. Como um bisturi cirúrgico, a carcaça do puritanismo é dissecada, tentando abrir caminho para a libertação humana do peso morto do passado. Mas com o puritanismo policiando a vida americana, nenhuma verdade ou sinceridade é possível. (GOLDMAN, 1911, p.77).

Nos países em que a sensibilidade social para as mazelas estivesse mortificada, a literatura internacional seria a lanterna para evidenciar o descompasso entre progresso econômico e evolução da humanidade. Como relembra Doris Accioly, para os anarquistas, deve haver uma unidade entre estética e vida: “a mais profunda das ciências, a mais bela das artes, será aquela que acerte ao determinar a maravilhosa mecânica da vida social, igualitária e livre” (ACCIOLY E SILVA, 2011, p. 93). Arriscando a própria vida em prol de lutas antipatrióticas, Emma Goldman propugnava que a cidadania não tem sentido para a pessoa anarquista, uma vez que seu ideal de liberdade humana e de justiça vai além dos limites estreitos da nacionalidade: seria necessário alardear a criação de uma república internacional dos espíritos livres. Assim, a anarquista fomentou a circulação de ideias, de fabulações radicais, transitando também entre idiomas: ídiche, inglês, alemão. Logo, ser militante e intelectual também é uma tarefa escrita, uma tarefa de transitar entre singularidades e um escopo humano. Ao evocar essa produção de um espelhamento entre ofício intelectual e agitação coletiva, Emma Goldman propugna que:

As mil e uma fontes da vida local e regional devem ter tempo para abrir seu canal comum no mar fervilhante da vida em geral. E as questões e problemas sociais se fazem sentir antes que o pulso latejante do grande coração nacional possa encontrar seu reflexo em uma grande literatura — e especificamente no drama — de caráter social. Essa evolução vem acontecendo neste país há um tempo considerável, moldando a agitação generalizada que agora começa a assumir forma e expressão social mais ou menos definidas. (GOLDMAN, 1914a, p. 5).

A literatura internacionalista seria, pois, um canal de expressão formal das questões sociais e humanas que atingem os rios regionais. Após uma viagem à Europa nos primeiros anos do século XX, Goldman publicou em forma de relato pessoal a concepção de que não seria



incongruente pensar em narrativas anarquistas individualistas e simultaneamente agitar a necessidade do anarcossindicalismo. Mais tarde, vislumbraria no magonismo do México outra luta que desmontava a falácia da democracia norte-americana.

Destarte, deve-se perquirir: como Emma Goldman forjou um *blend* indissolúvel entre o cultivo de si que aprendera nos Estados Unidos e a cultura libertária que se expressava nas lutas operárias da França? Fernand Pelloutier (1867-1901), acima citado, pode oferecer uma pista para responder ao questionamento. O sindicalista contestou não só as organizações e formalismos burgueses, mas propugnou uma “arte social” como ferramenta crucial do anarcossindicalismo. O elo com o pensamento goldmaniano é nítido: a adesão das individualidades ao processo revolucionário dependeria incontestavelmente de uma emancipação integral da humanidade. Como ele próprio assinala: “no dia em que o povo se levantar, ele terá juntamente com o ferro e com o fogo essa arma mais segura do que todas as outras: a força moral devido à cultura da inteligência.” (CHAMBAT, 2006, p. 18).

Do mesmo modo que Emma Goldman vislumbrava nos românticos, realistas e transcendentalistas o potencial emancipatório da natureza humana, faceava no esforço coletivo o concerto da ação manual e intelectual. Não é possível descurar da relevância da cultura libertária no bojo de uma resistência anarquista que busca mobilizar todas as instâncias vitais. Como a pena goldmaniana sintetiza:

O anarquismo é uma teoria do desenvolvimento humano que enfatiza tanto quanto o socialismo o aspecto econômico ou materialista das relações sociais; mas, embora admitindo que a causa do mal imediato seja econômica, acreditamos que a solução da questão social que enfrentamos hoje deve ser forjada a partir da consideração igual de toda a nossa experiência. (GOLDMAN, 1908, p.1).

Como se observou no excerto supracitado, o olhar sensível à *experiência* dotava o prisma goldmaniano de uma receptividade heteróclita a correntes de pensamento de sua época. Em solo estadunidense ela diagnosticou as doenças sociais da política sem deixar de trazer narrativas exógenas que versavam sobre o anarquismo desde uma ótica evolucionista. O apoio mútuo como a propensão natural da humanidade não está descolado de um posicionamento ativo de propaganda pela literatura.

Em seus discursos sobre a necessidade do anarquismo considerar todas as experiências, Goldman mobilizou a literatura para deslindar dilemas que entremeavam a teoria anarquista. Um desses nós seria a questão de saber se os intelectuais ou os trabalhadores constituem a força orientadora no desenvolvimento do anarquismo. Goldman seguiu o exemplo do estadunidense



Thoreau e do anarquista europeu Kropotkin (1817-1862) ao defender uma unidade entre trabalho intelectual e manual, notando que trabalho intelectual e físico estão tão intimamente relacionados no corpo social quanto cérebro e mão no organismo humano.

As conferências de Goldman em Denver, entre os anos de 1912 e 1914, evidenciam que a tessitura de pontes entre pessoas nativas e estrangeiras contribuía para a inserção de proletários intelectuais na própria cena anarquista por meio da literatura. Para a militante, a intelectualidade estadunidense deveria aprender com contextos europeus em que artistas seriam professores, porta-vozes e camaradas da população mais ampla, relegando seu cômodo patamar de intocabilidade. Os textos literários assumiriam esse papel de ponte internacionalista para o despertar anarquista. Contudo, o escopo goldmaniano também era o de transbordar tal circuito majoritariamente composto por professoras, escritoras, artistas, estenógrafos, editores etc. A anarquista buscava compor uma audiência de imigrantes e pessoas trabalhadoras através do estabelecimento de teatros radicais que fomentassem alimento intelectual a quem não tinha acesso a tal conteúdo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As múltiplas camadas que revestem a urdidura anarquista de Emma Goldman não são facilmente expostas sem que seja necessário desfiar o tecido de sua propaganda radical que começa na transformação da própria subjetividade. Ao escancarar as opressões que afetam a individualidade, a militante não assume um viés descolado da malha social; pelo contrário, sua intenção é expor a urgência de uma servidão coletiva que começa na subsunção do corpo-alma às narrativas teleológicas que endossam o padecimento dos potenciais criativos no modelo moderno de sujeito. Este último, atomizado em suas urgências de sobrevivência, dificilmente consegue agitar mobilizações, enredando-se na necessidade de ascender economicamente e renunciar ao diagnóstico de sua proletarização.

O manifesto goldmaniano, dirigido sobretudo a esse estrato social da intelectualidade estadunidense de classe média que aspira ao descolamento da natureza e do trabalho artesanal/braçal, não redundava em um ceticismo fatalista. Ao se inspirar na literatura estrangeira que aborda as mazelas sociais, Emma Goldman encontra no gesto criativo o elo perdido entre individualidade e humanidade. O lume oferecido por gêneros como o Romantismo e o Realismo seria imprescindível para o exercício de dissecar os fetiches de uma tradição em que a exploração das individualidades é sacralizada. Assim, a anarquista navega na contracorrente da emergência de um fazer-artístico que volta cada vez mais sua face ao entretenimento e à pura





fruição. A preferência por gêneros específicos de expressão não era mera idiossincrasia de gosto estético, mas alinhamento a uma ética radical da coragem.

Admitindo o posicionamento corajoso do franco-falar, mesmo que isso significasse arriscar a própria existência, Emma Goldman destilou sua ácida crítica ao cenário estadunidense que fagocitava quaisquer expressões que desmentissem sua narrativa de “destino manifesto”. Tecer redes com intelectualidades internacionalistas era não só uma estratégia editorial interessante quanto uma artimanha eficaz de propaganda anarquista para a militante supracitada. As veias que irrigam o movimento anarcossindicalista das primeiras décadas do século XX constituem os veios pelos quais Goldman envereda, encontrando afinidades possíveis entre pessoas trabalhadoras das indústrias e artistas comprometidos com o indobrável e indelegável tecido coletivo. Ao disseminar levantes em outros países, Emma Goldman sublinhou a humanidade subjacente ao desejo de revolta e revolução.

Ao romper com o pedestal do fazer-artístico como algo restrito a uma elite iluminada, o anarquismo goldmaniano preconiza a circulação de ideias entre todos os estratos sociais e regiões. A literatura, sob o prisma de Emma Goldman, suspendia espaços demarcatórios, elidindo fronteiras e sentimentos patrióticos. A revista *Mãe Terra*, por exemplo, aportava expressões revolucionárias de vários países. O gesto literário não poderia sucumbir ao gosto sensacionalista do mercado ou a ditames estilísticos de uma academia. Afinal, atuar como intérprete é desterritorializar e comunicar a liberdade

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY E SILVA, Doris. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. *In: Educação & Sociedade*, Campinas, n.32, p. 87-102, mar. 2011.

BAGINSKI, Max. The old and the new drama. **The Project Gutenberg**, 1906. Disponível em: [https://www.gutenberg.org/files/27118/27118-h/27118-h.htm#Page\\_36](https://www.gutenberg.org/files/27118/27118-h/27118-h.htm#Page_36). Acesso em: 10 maio 2022.

CHAMBAT, Grégory. **Instruir para Revoltar**: Fernand Pelloutier e a educação rumo a uma pedagogia de ação direta. São Paulo: Faísca, 2006. 112p.

GOLDMAN, Emma. Anarchism and other essays. **The Anarchist Library**, 1910. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays>. Acesso em: 10 maio 2022.

GOLDMAN, Emma. Art and revolution. **EGP-IISH**, Amsterdam, s.d. Disponível em: [https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARC\\_H00520.195?locatt=view:manifest](https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARC_H00520.195?locatt=view:manifest). Acesso em: 17 mar. 2022.



GOLDMAN, Emma. Childs and its enemies. **The Anarchist Library**, 1906a. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-child-and-its-enemies>. Acesso em: 10 maio 2022.

GOLDMAN, Emma. Educational experiments in Germany. **EGP-IISH**, Amsterdam, s.d. Disponível em: [https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARC\\_H00520.203?locatt=view:manifest](https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARC_H00520.203?locatt=view:manifest). Acesso em: 17 mar. 2022.

GOLDMAN, Emma. Ideas and their transvaluation. **EGP-IISH**, Amsterdam, s.d. Disponível em: <https://search.iisg.amsterdam/Record/ARCH00520/ArchiveContentList>. Acesso em: 15 maio 2020.

GOLDMAN, Emma. Intelectual Proletarians. **The Anarchist Library**, 1914b. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-intellectual-proletarians.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2022.

GOLDMAN, Emma. La Hipocresía del Puritanismo, 1911. In: RODRÍGUEZ, Alexis. (ed.) **La Palabra como Arma**. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. 194p.

GOLDMAN, Emma. Russian Literature. **EGP-IISH**, Amsterdam, 1920. Disponível em: [https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARC\\_H00520.252?locatt=view:manifest](https://access.iisg.amsterdam/universalviewer/#?manifest=https://hdl.handle.net/10622/ARC_H00520.252?locatt=view:manifest). Acesso em: 10 maio 2022.

GOLDMAN, Emma. **Sobre Anarquismo, Sexo e Casamento**. São Paulo: Hedra, 2021. 264p.

GOLDMAN, Emma. The modern drama: a powerful disseminator of radical thought. **The Anarchist Library**, 1910. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays>. Acesso em: 17 fev. 2020.

GOLDMAN, Emma. The social significance of modern drama. **The Anarchist Library**, 1914a. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

GOLDMAN, Emma. Um Belo Ideal. **The Anarchist Library**, 1908. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-a-beautiful-ideal.pdf>. Acesso em: 30 maio 2022.

GOLDMAN, Emma. **Vivendo Minha Vida**. 1ª ed. Curitiba: L-Dopa, 2015. 710p.

GOLDMAN, Emma. Walt Whitman. **The Anarchist Library**, s.d. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-walt-whitman>. Acesso em: 10 maio 2022.

FALK, Candace. Let Icons be Bygones! Emma Goldman: The Grand Expositor. In: WEISS, Penny A. e KESSINGER, Loretta (orgs.). **Feminist Interpretations of Emma Goldman**. 1ªed. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2007. 363p.



FERGUSON, Kathy. Gender and genre in Emma Goldman. **Signs**, Boston, v. 36, n. 3, p. 733-757, abr. 2011.

FERGUSON, Kathy. **Emma Goldman: Political Thinking in the Streets**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2011. 363p.

FERM, Elisabeth Burns. The Democracy of Whitman. **Mother Earth**, New York, v.1, n.11, p. 23-31, jan. 1907.

FOUCAULT, Michel. **Os corpos utópicos, as heterotopias**. São Paulo: N-1 edições, 2013. 112p.

HSU, Rachel. **Emma Goldman, "Mother Earth," and the anarchist awakening**. Indiana: University of Notre Dame Press, 2021. 448p.

LITVAK, Lily. **Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)**. Barcelona: Antoni Bosch, 1981. 464p.

NORTE, Sergio. Ars Anarchica: arte, vida e rebeldia. **Revista Brasileira de História**, n. 18, 1998.

WILDE, Oscar. A Alma do homem sob o Socialismo. **The Anarchist Library**. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/oscar-wilde-the-soul-of-man-under-socialism>. Acesso em: 22 set. 2022.

Recebido em: 12 de dezembro de 2022  
Aceito em: 19 de dezembro de 2022